

46/02/14  
O Estado de São Paulo  
p. 4, 5

# A FRANÇA BIZANTINA

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

AS suas Reflexões sobre a Violência disse Georges Sorel que pretendem propor uma "filosofia moral" inteligível apenas para quem tenha penetrado as leis da grandeza e decadência. Não é outro, em realidade, o objetivo que inspira a muitos dos principais expoentes do pensamento francês através dos decênios que se seguem à guerra de 1870 e à implantação da Terceira República. Justamente a decepção e a depressão nacional suscitadas pela debacle deveriam aguçar, em alguns, a sensibilidade àqueles temas da grandeza e decadência, que se tornaram em seus escritos motivo constante quando não dominante.

É esse motivo, que em pensamentos aparentemente colocados na trincheira oposta à de Sorel, vai conduzir, por sua vez, a uma vigorosa tentativa de revalorização do espírito clássico. Da fremente repulsa ao século XIX, era da burguesia triunfante, onde os pontos do norte encontram seu terreno propício, segue-se a admiração, quase inevitável pelo século XVII que viu florescerem sem contras te algumas virtudes mais genuinamente, talvez mais hermeticamente francesas.

Apenas essa admiração não é de modo algum desinteressada e calma. Ela nasce antes de tudo de um protesto. Protesto em muitos pontos semelhante ao de certos católicos novos da Inglaterra dos quais já se disse que são simplesmente protestantes em protesto contra o Protestantismo.

Ora, os princípios clássicos estão associados, entre os franceses, à realza absolutista, e seu declínio corresponde à ascendência dos ideais da Revolução, que parecem já trazer no seu bojo o Romantismo. O primeiro passo consistiria, por conseguinte, em fazer baixar do pedestal onde fora imprudentemente erigida pelo século XIX a obra da Revolução. E esse primeiro passo já o tinha dado um Taine, que a partir de 1875 e até morrer, se entregara de corpo e alma à tarefa de perscrutar impiedosamente as origens da França contemporânea.

Na crítica ao romantismo e na crítica à Revolução encerram-se os elementos político-literários que pretenderão organizar-se em corpo de doutrina. A coloração xenófoba que há de dar vida, calor e mesmo agressividade a tal doutrina, esta nascerá de certos sucessos posteriores, como o caso Boulenger, por exemplo e o caso Dreyfus. De elementos tão negativos e críticos surgirá, por sua vez, um novo tipo de "filosofia moral", que unida à de Sorel e também à desse desiludido do ideal de Mazzini que foi Vilfredo Pareto, desembocaria em nossas dias no fascismo italiano.

Assim, de toda a construção erguida pelos partidários de um novo classicismo e seus aparentes correlatos políticos, sociais, morais e religiosos, o que veio a perdurar, pelo menos até ao epílogo trágico da última guerra mundial, foram os aspectos mais emotivos e tumultuosos. E evidente

que o verdadeiro espírito clássico, tal como pôde florescer no século XVII francês, século do jansenismo, tem fundamentos bem diversos: alimenta-se de uma rígida disciplina espiritual livremente aceita, não de deliberações mais ou menos caprichosas.

Nos conflitos de sua época, os homens da Action Française foram simples comparsas episódicos como os demais, feitos uns e outros de uma só massa. O classicismo que pretendiam professar era, com efeito, preterito o ponto de partida para uma política de interesses futuros. E nisto constituíram eles os mais ativos precursores de toda a reação moderna de falsos tradicionalistas — os adéptos e arautos de um novo humanismo, os apologistas de uma "nova Idade Média"... —, cujo amor ao Passado se satisfaz com a escolha de um simples segmento do passado, aquele que os agrada especialmente, a fim de erigi-lo em norma ideal insuperável.

Compreende-se que num mundo onde a energia mecânica aboliu ou tende a abolir a energia muscular, onde o princípio da competição destronou o da solidariedade orgânica entre os indivíduos, onde a "sociedade", na famosa distinção de Ferdinand Tönnies, progrediu em detrimento da "comunidade" e onde o desenvolvimento sem precedentes das populações urbanas e metropolitanas acarretou uma revisão radical

(Conclui na 5.ª pág.)

Continua no verso



## A FRANÇA BIZANTINA

(Conclusão da 1.<sup>a</sup> pág.)

uma nova ordenação dos nossos interesses, valores, atividades, sentimentos, atitudes e crenças, proliferem — por vezes, legítimos e fecundos, é certo — os inconformismos de toda espécie. Cabe duvidar, todavia, se esses inconformismos poderão ser resolvidos por meio de um retrocesso; tudo faz pressentir, ao contrário, que só uma síntese ou uma harmonia novas, de que o passado não oferece modelo, permitirá superarem-se os desequilíbrios e antagonismos da era presente.

É talvez semelhante convicção o que leva alguns daqueles inconformados, cujo tipo mais perfeito e mais monstruosamente coerente nas letras francesas atuais é sem dúvida o escritor Julien Benda, a buscar refúgio no reino das idéias imaculadas, do pensamento especulativo com exclusão de todas as manifestações técnico-pragmáticas. Atitude aristocrática em essência, pois que enaltece de forma também exclusiva, os valores próprios de uma casta intelectual contemplativa, e presume, embora sem o confessar claramente, a absoluta preeminência de tal casta.

Isto explica a aversão tão característica por uma época tendente cada vez mais a desconhecer a distinção antiquada entre "clérigos" e "seculares", no sentido que lhes dá o autor, entre o pensamento nobre, quer dizer puramente teórico, "inutilitário", de um lado, e de outro os sentimentos burgueses e plebeus em busca de expressão articulada.

Acrescente-se a tudo isto a preferência declarada pelas formas de pensamento apriorístico e racionalista, estas igualmente aristocráticas de nascença, mas que, levadas às suas últimas consequências, tendem a contrariar todas as paixões de casta, e também as de raça, as de religião, as de nação (assim, Descartes queria seu método fosse inteligível até mesmo para os turcos infelizes).

Embora tendo em comum com os apóstolos da Action Française a nostalgia do classicismo, Benda não pretende agir sobre o mundo circunstante, oferecer uma terapêutica utilizável para a sociedade moderna. Por isso, e pelo facto de ser um racionalista convicto e mais consequente do que outros, também não é um reacionário exemplar. Pode-se mesmo dizer que a obra da Revolução lhe merece simpatias e aplausos na medida, ao menos, em que visa instaurar o império da justiça e o do respeito à pessoa humana. E não é também um adversário sistemático do século XIX e das suas expressões espirituais mais características, preferindo, apenas, entre estas, as que, desde Kant até Renouvier, admitem a estabilidade e a constância das leis da razão.

Não deixa de ser significativo, apesar de tudo, que depois da catástrofe de 1940 e durante os anos da invasão e da ocupação da França, este "clérigo" consumado empregasse seu tempo em uma severa análise do pensamento e das letras francesas atuais. Impossível, por outro lado, não tentar assimilar, de certo modo esta, as tentativas de escritores que, depois de 1871, procuraram, com os resultados que conhecemos, meditar sobre as causas da "decadência" da sociedade francesa. Em La France Byzantine, publicada em fins do ano passado, retoma-se, com pouca variação, salvo no tom, que agora é mais veemente, pode-se dizer que mais rancoroso, o tema desenvolvido pelo autor em seu Belphegor, livro escrito antes da guerra de 1914 e onde se mostrava a predileção da sociedade francesa da época pelas obras de arte que fizessem experimentar emoções e sensações, não pelas que suscitass-

sem um puro prazer da inteligência.

Durante os anos que se seguiram à paz de Versalhes, o assunto que o preocupava desde os dias da sua polémica com o bergsonismo, tornara-se aos poucos menos obsessivo. Em dado momento teria chegado mesmo a uma espécie de composição amigável com os antigos adversários, e é sintomático o facto de alguns dos seus livros terem sido publicados em primeira mão na Nouvelle Revue Française, a principal fortaleza dos belphegorianos. La France Byzantine assinala, pois, o abandono de uma posição de aparente transigência assumida durante mais de quinze anos.

A proscrição da idéia nítida, a religião da mobilidade, a aversão à análise, o zelo pela expressão verbal, em prejuízo de outras qualidades, a música tida como norma e modelo, o gosto do obscuro, do hermético, do precioso... são, a seu ver, alguns dos traços específicos da presente literatura francesa, traços que a distanciam dos bons costumes do classicismo. Seria, em todo caso, injusto, dizer-se que a atual sociedade francesa nutre aversão pelas idéias. Apenas ela as quer "excitantes, assombrosas, surpreendentes, divertidas (tipo: o pensamento rápido e paradoxal), não se preocupando em que sejam exatas e, ainda menos, em que sejam bem fundadas e dota-

das de verdadeiro valor intelectual".

São esses os traços salientes da última encarnação do romantismo, tais como os inventariou Julien Benda. Ou, para recorrer a uma expressão que em nossos dias, e não por acaso, encontra ressonância nova: da última encarnação do barroco. Porque, com simples mudança de endereço, tudo quanto aqui se diz dos escritores franceses da nossa época aplica-se surpreendentemente, e quase com as mesmas palavras, a esse poderoso movimento que, durante o Séc. XVIII, se apoderou da Espanha, da Itália, da Alemanha e até da Inglaterra a — Inglaterra de John Donne e dos "poetas metafísicos" —, para ser afogado na França de Luiz XIV pelo "bom senso" e o "bom gosto" clássicos.

Não sei, com efeito, de outro livro que melhor se possa comparar a La France Byzantine do que a obra de Croce sobre a era barroca na Itália. A estupefação, a complicação exterior de uma arte puramente formal, "intimamente fria", a sutileza conceitista, a musicalidade, o amor do novo pelo novo, são alguns dos elementos que singularizam aquela era, dando-lhe homogeneidade e alguma independência. Não é preciso aceitar integralmente a atitude polémica de Croce em face do barroco, nem a de Julien Benda — do ponto de vista de Sirius ou do "historiador do século XIX" — diante dos escritores mais representativos de nosso tempo, para perceber-se a estranha coincidência entre as duas épocas em suas manifestações espirituais mais típicas. E se fosse lícito prosseguir nestes paralelos, raramente felizes e quase sempre perigosos, arriscaríamos uma pergunta: Assim como o barroco se resolveu afinal em uma simplificação voluntária, com a volta à "naturalidade" dos poetas arcádicos, não estaríamos, nós também, em vésperas de assistir a uma transformação da mesma ordem?

O próprio Benda, na última página de seu requisitório, deixa

entrever uma janela aberta, ao admitir que a atual concepção de literatura — seu formalismo excessivo, seu hermetismo... — poderá ser subitamente mudada por influência de vários fatores, entre eles da propagação de uma nova religião social capaz de reduzir os homens às preocupações da vida corrente, em detrimento de todas as emoções de luxo. A sugestão é demasiado reticenciosa para de-

la se tirar, em nome do autor, qualquer ilação perentória. Mas é inevitável pensar-se no facto de que, durante o tempo em que Julien Benda, no seu retiro de Carcassonne, trabalhava neste libelo contra os escritores de França, um Aragon e um Eluard redigiam seus poemas de Resistência, destinados, não a uma elite de sofisticados e cétricos, mas a todos os homens de boa vontade.